

QUARTA-FEIRA, 13

O dia [REDACTED] do pânico



Duas horas da madrugada de ontem. O ministro Malan, que trabalhava até aquela hora no Ministério da Fazenda, encerrou seu último telefonema ao presidente Fernando Henrique e foi pra casa. Nesse momento, o presidente do Banco Central, Gustavo Franco – já acertada sua demissão – iniciava a redação da sua declaração de despedida, enquanto seu substituto, Chico Lopes, reunia sua equipe para definir a nova sistemática de desvalorização do real, que, a partir de agora, será revista a cada três dias. Em Sergipe, no município de Estância, fronteira com a Bahia, o presidente Fernando Henrique decidia interromper seus cinco dias de férias na praia e voltar imediatamente a Brasília. Estava começando um dia de pânico, que não se imaginava como iria acabar, mas cuja primeira revelação foi o mais forte golpe já sofrido pelo Plano Real: uma nova aceleração do câmbio com a desvalorização da moeda brasileira. E a queda de Gustavo Franco, que Fernando Henrique sempre proclamou como “o grande formulador da URV”, peça essencial do Plano Real. Duas decisões – a desvalorização e a demissão – com sabor de capitulação, na linha do bordão da sabedoria popular, de que “mais vale perder os anéis que os dedos”.

Enquanto isso, os indicadores econômicos mantinham a tendência da véspera, a terça-feira negra. As bolsas caíam desabaladamente e mesmo depois dos sinais (até o presidente Clinton falou apoiando o Brasil) terminaram apresentando quedas desastrosas no fim do dia: -1,32% em Nova Iorque a -10,37% em Buenos Aires, passando por 5,5% no Rio, e São Paulo, 5%. Os papéis da dívida brasileira (C-Bonds) caíam 7,8% e a fuga de dólares chegava a cerca de US\$ 1 bilhão. Um dia terrível, que podia ter sido pior, mas que só se avaliará – como disse ao **Jornal de Brasília** o ex-ministro Mendonça de Barros, lembrando sua experiência de 30 anos de mercado de capitais – “depois da reflexão do fim de semana”. Ou seja, na segunda-feira, dia 18. Mas, sem contar que Itamar Franco ameaça, hoje, às 10 da manhã, um novo ataque, com um discursão da assembléia da Cemig, em Belo Horizonte.